

1 Os olhos de minha mãe eram como estrelas. Estrelas brilham no escuro. Os olhos de minha mãe brilhavam no estábulo escuro, quando nos recolhiam nas noites de inverno, e aquele brilho afastava todos os medos. Eu tinha vários tipos de medo. Do escuro, com toda a certeza. Tinha medo do frio que fazia naquelas alturas e que queimava a grama, primeiro deixando ela toda branca e, depois, amarelada. Tinha medo do domador e do seu rebenque, que tinha uma argola de prata no cabo. Tinha medo de Altivo, que era o cavalo mais forte e mais brabo de toda a estância e de quem até o domador tinha medo. Mas, de verdade, medo mesmo, eu tinha medo era do leão baio.

2 O leão baio era o bicho mais bonito que eu já tinha visto. Isso pode parecer meio pretensioso porque quando eu vi o leão baio pela primeira vez eu tinha só dez dias de vida e, portanto, não tinha visto muita coisa ainda. Tanto que estava entretido olhando a fileira de formigas carregando folhas verdes nas costas, admirado com a força e a disciplina delas, quando meu coração se encheu de alegria porque a menos de dez metros o leão baio me olhava em silêncio. Era o bicho mais bonito que eu já tinha visto. Os olhos dele eram dourados. A cauda se mexia em lentas ondulações. Ele tinha a parte da frente do corpo um pouco abaixada, a cabeça de príncipe rente ao chão e as patas dianteiras cravadas no solo duro. Era verão, ali, no meio das pedras, perto do abismo, e ele me olhava.





3 Eu tinha três irmãos maiores do que eu, que estavam um pouco afastados, mordendo a grama que crescia entre as pedras. Minha mãe estava com eles, dava cabeçadas gentis, relinchavam com o prazer que o verão provoca só porque é verão e é de manhã. Na hora, me deu vontade de gritar para minha mãe e dizer olha que bicho bonito, o bicho mais bonito que eu já vi. Mas não deu tempo. Ele ficou mais bonito ainda do que já era, ficou mais dourado e mais glorioso, porque cresceu de repente. Aumentou de tamanho. Ficou enorme. Vi que ele tinha um brilho mau nos olhos dourados. Vi que ele se precipitou sobre mim com a grande boca aberta e senti os dentes pontudos na minha anca e eu paralisado e perplexo porque pensava que ele queria brincar e não sabia que aquele brilho nos olhos era mau. Eu não conhecia ainda aquele brilho. Depois, vi o mesmo brilho várias vezes em outros bichos, no homem, principalmente, mas, ali, naquela manhã de verão, eu tinha só dez dias de vida e o leão baio era tão bonito.



4 Não falei no meu pai, ainda. Ele me salvou. É isso que os pais fazem, aprendi naquele dia. No momento em que o leão baio começou a me arrastar para o bosque de araucárias, meu pai apareceu relinchando selvagememente, dando patadas e coices, assustando o leão baio, que me largou. Os outros cavalos nos cercaram, minha mãe começou a lamber minhas feridas, meu pai respirava com dificuldade e Altivo dava voltas em torno da manada, com a cabeça erguida e os olhos fuzilando, como deve fazer um líder. Os peões da estância me levaram para a sede e cuidaram de mim. Um deles queria me deixar, mas outro lembrou que Dona Dindinha gostava de mim. Dona Dindinha era neta da Dona da estância e, então, eles me levaram e cuidaram de mim. Foi a Dona da estância quem me botou o nome de Minuano, porque no dia que eu nasci, batia um vento de vergar araucária, e esse vento vinha de longe, das terras geladas da Patagônia, e se chama Minuano, como os índios, e por isso botaram esse nome em mim.



5 Além de não ter medo de leão baio, que nem eu, meu pai era o cavalo mais veloz de toda a região dos Campos de Cima da Serra, onde ficava a estância que a gente morava. Eu conto isso não para me vangloriar dos feitos do meu pai, que era um tordilho negro discreto e digno, mas porque foi no domingo em que ele ganhou cinco carreiras seguidas, um domingo de carreira, churrasco e baile lá na fazenda, e porque foi nesse domingo quando ouvi pela primeira vez a palavra guerra. Cusnei a entender o que era, por mais que eles explicassem. Mas essa palavra curta e sem graça mudou a vida de todos os que moravam lá na estância.



6 Depois da quinta carreira chegou um grupo de homens fardados, oficiais do exército, elegantes e atenciosos. As coisas que eles disseram deixou todo mundo calado. Até a acordeona se calou. Alguns, os mais jovens, filhos da Dona e de estancieiros vizinhos, deram pulos de alegria e se

abraçaram, mas a maioria ficou calada. A peonada ficou calada. A Dona ficou calada e pálida, abraçada à Dona Dindinha. E vi os mais velhos olharem com reprovação para os jovens que davam gritos e cercavam com entusiasmo os oficiais. Eles vinham em nome do general Bento Gonçalves da Silva e disseram que estávamos em guerra. Guerra revolucionária contra o Império opressor. Que precisavam de homens fortes e valentes para defender o Rio Grande.



7 Nas semanas seguintes, só se falou na guerra. A estância toda se preparou para a guerra. Havia um frenesi, uma urgência, uma espécie de loucura alegre com tantos preparativos e correria. O nome que mais se ouvia era o do general Bento Gonçalves. Todos exaltavam as virtudes do general Bento Gonçalves. A estância toda vivia uma paixão louca e insensata pelo general Bento Gonçalves. Todos idealizavam o general Bento Gonçalves, da peonada no galpão até a sala grande da casa da Dona. E todos

falavam de como ele ia derrotar os imperiais, acabar com os impostos e fundar uma república. Do jeito que falavam a palavra república, enchendo a boca, se esperava que ela fosse nos tornar todos maiores e melhores e não haveria mais dores, nem medos, nem fome, nem leões baios. Mas, para isso, Bento Gonçalves precisava enfrentar a guerra e vencer a guerra.



8 Seguiram-se semanas em que a euforia dos primeiros dias amainou e começou uma época tediosa, de espera, como se contássemos os dias para ir para a guerra. Choveu muito nesses dias, choveu sem parar e os riachos transbordaram. Eu ficava no estábulo, encostado na minha mãe, olhando para seus olhos que eram como estrelas, pensando o que seria de mim quando ela e meu pai partissem. Porque eu sabia que eles iam partir. Só se falava nos escolhidos que iam partir e, pelo que se dizia, era praticamente todo mundo. Cada manhã que o sol aparecia no horizonte poderia ser o dia de ir para a

guerra. Mas nada. Passava mais um dia e nada. Até que um mensageiro finalmente apareceu e disse que os revolucionários estavam esperando numa encruzilhada bem distante dos Campos de Cima da Serra. Numa madrugada fria, todos partiram.



9 Na estância, ficou apenas a Dona, mais uma índia charrua que trabalhava na casa, dois peões bem velhinhos e, no curral, outrora dinâmico e cheio de vida, meia dúzia de cavalos também velhos. E fiquei eu, por causa da minha perna estragada pelos dentes do leão baio. A estância, que era um lugar alegre, afundou na tristeza. A Dona era viúva, seu marido tinha ido para uma guerra na fronteira anos atrás e não tinha voltado. Na estância, a palavra fronteira também dava medo. A fronteira engolia as pessoas. Do outro lado da fronteira, viviam castelhanos, que eram bichos que eu nunca vi, mas de quem diziam coisas terríveis.



10 Os quatro filhos da Dona foram para a guerra, que ia ser lá para as bandas da fronteira e só por isso já dava um arrepio na espinha. O mais velho montava Altivo e o menor, que só tinha 14 anos, montava meu pai. O menor dos filhos da Dona era o jóquei que pilotava meu pai nas carreiras de cancha reta dos domingos. Os dois tinham prestígio de autoridade e por onde passavam eram saudados pelas pessoas que tiravam o chapéu para eles, até as pessoas mais velhas. Diziam que eles eram como um centauro. Ouvi dizer que um centauro é uma espécie de monstro, um bicho inventado. Mas outros, muitos outros, me dizem que não é bicho inventado coisa nenhuma. Que é bicho que existe mesmo.

